

ORDEM DO DIA

Guilhermina Suggia

UM breve parentesis nas politicas diarias.

Quando, no salão do Grande Hotel do Porto, falámos a madame Suggia, que há pouco regressara de Inglaterra, profetisando-lhe uma apoteose no seu concerto de Lisboa, mal pensavamos nós nesse *milagre de galvanização* que madame Suggia acaba de levar a cabo no Teatro de S. Carlos. Completamente profanos em materia de critica musical — que a gazeta entregou a Isidro Aranha — apenas discutimos a musica e os interpretes através do exclusivo criterio da nossa sensibilidade de artista. Porque a Arte é uma só. Madame Suggia, na gloriosa e inesquecível noite de ante-ontem, tirou-nos de muita duvida, dando-nos, ainda por cima, algumas consoladoras certezas. Impenetraveis, como somos, á vacuidade de certas fases do drama musical — que, decerto por insuficiencia nossa, nunca chegámos a compreender — esse drama, em dados aspectos, evoca-nos aquelas palavras de D'Annunzio sobre o libreto da *Judith* do maestro Falchi: «regole di una prosodia ottentotta».

Madame Suggia, decisivamente acaba de confirmar um velho conceito nosso: o conceito de que, em Arte, as formas e as formulas são sempre tradicionais, estaveis, fixas. Realizou-o o genio inspirado de Wagner; e as suas cartas a Mathilde Wesendonk, sobre o *Tristão e Isolda* sobretudo, e a Frédéric Villot sobre a tessitura do *Parsifal*, tocaram ante-ontem o nosso espirito, no momento em que, numa rapida visão de conjunto, procurámos interpretar não só o pensamento votivo desse singular temperamento de artista que é o maestro Francisco de Lacerda, mas, mais restrictamente — e a restricção, neste caso, é um paradoxo talvez — o *genio de interpretação, de transmissão e criação* da maior violoncelista do mundo: de madame Suggia, cujas mãos rendidamente e orgulhosamente beijamos. Orgulhosamente, sim! Porque madame Suggia é portuguesa. Portuguesa como um dos maiores pianistas do mundo: Viana da Mota; como um dos maiores poetas da Raça: Guerra Junqueiro; como os dois novos descobridores do Brasil: Gago Coutinho e Sacadura Cabral; como um dos grandes estatuarios da actualidade: Teixeira Lopes; como um dos maiores pintores do seculo actual: Columbano Bordalo Pinheiro. Para só falar *nalguns dos vivos*, nesta inconfundível e suprema confraria de compatriotas que, por si só, afirma, confirma e exalta uma Patria! Ah! a Patria lateja como os corações e como os astros! Só o Estado pretende aniquilá-la, ao ferir e ao preverter o seu admiravel e ancestral sentido lirico.

* * *

Disse alguém, a respeito de madame Suggia, que o maravilhoso violoncelo e a interprete divina — formavam um *bloco*. Nada de mais falso, por excluir do raio visual e auditivo tudo quanto há de alado, de fremente, de frenetico, de vibratil e de plastico, não só na *tecnica* assombrosa de madame Suggia, mas nos dominios inultrapassaveis da sua emoção e estesia liricas. Violoncelo e interprete, destacam-se bem; e só se fundem e confundem no altissimo ritmo do *descriptivo*, velario em cuja gaze diafana e doirada se prendem, em miriades tremulas de estrelas, todos os gorgueios, todos os trilos, todos os tremolos, todas as notulas cristalinas e purissimas das celicas harmonias, desprendidas da nebulose da arcada.

A cabeça de madame Suggia é uma cabeça de ave, sofrega, avida, inquieta, atenta, mobil, agitada, extatica.

Todo o seu corpo, suspenso sobre o corpo do violoncelo que inteiramente, e em espasmo, se lhe entrega e se lhe rende, evoca uma folha de alamo prateado e tremente...

A uma *virtuose* como madame Suggia podemos e devemos nós chamar uma *criadora de beleza*. Porque dentro do campo demarcado da *interpretação*, a violoncelista *cria*, quando transmite, ao texto musical a sua inteira, perfeita e inultrapassavel individualidade. Individualidade, aliás, *bem portuguesa e bem nossa*, já há muitos anos vincada — madame Suggia, recorda-se? — nessa pequenina — e, interpretada por si, inegalavel! — *Fleur d'automne*...

Frizemo-lo e fixemo-lo como desvanecidos compatriotas de madame Suggia.

Quanto ao maestro Francisco de Lacerda — o grande organizador da *Filarmonia de Lisboa* — que sujeitou o seu magnifico nucleo de musicos ao mais terrivel dos confrontos, confirmou-se como um chefe de orchestra conhecido e reconhecido em todo o mundo. Vivamente lhe agradecemos as duas noites de S. Carlos, a ultima sobretudo, por ter conduzido umas poucas de mil almas ao unico e admiravel campo de tolerancia, de concordia e de refugio que ainda resta: ao campo da Arte.